

ESTADOS DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

obra codificada por Allan Kardec
Livro Segundo - qq. 400 à 424

Pesquisa, diagramação e composição: Elio Mollo

I - O SONO E OS SONHOS

Para perguntar se o encarnado permanece ou não voluntariamente no envoltório corporal, seria a mesma coisa que perguntar se um prisioneiro está satisfeito de ficar encarcerado. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais deseja ver-se desembaraçado. (LE-400).

Durante o sono, a alma não repousa como o corpo, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. (LE -401).

Podemos avaliar a liberdade do Espírito durante o sono pelos sonhos. Quando o corpo repousa, o Espírito dispõe de mais faculdades que no estado de vigília. Tem lembrança do passado e às vezes a previsão do futuro; adquire mais poder e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, **seja deste mundo, seja de outro**. Frequentemente dizes: “Tive um sonho bizarro, um sonho horrível, mas que não tem nenhuma verossimilhança”. Engano. É quase sempre uma lembrança de lugares e de coisas que vimos ou que veremos numa outra existência ou em outra ocasião. O corpo estando adormecido, o Espírito trata de quebrar as suas cadeias para investigar no passado ou no futuro.

Conhecemos tão pouco dos mais ordinários fenômenos da vida! Acreditamos ser muito sábios, e as coisas mais vulgares nos embaraçam. A esta pergunta de todas as crianças: “O que é que fazemos quando dormimos; o que são os sonhos?” ficais sem resposta.

O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando o homem dorme, momentaneamente se encontra no estado em que estará de maneira permanente após a morte. Os Espíritos que logo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes. Esses Espíritos, quando dormem, procuram a sociedade dos que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontram concluídas, ao morrer. Destes fatos deveis aprender, uma vez mais, a não ter medo da morte, pois morreis todos os dias, segundo a expressão de um santo.

Isto, para os Espíritos elevados; pois a massa dos homens que, com a morte, devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que vos têm falado, vão, seja a mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições os chamam, seja à procura de prazeres talvez ainda mais baixos do que possuíam aqui; vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que professavam entre vós. E o que engendra a simpatia na

Terra não é outra coisa senão o fato de nos sentirmos, ao acordar, ligados pelo coração aqueles com que acabamos de passar oito ou nove horas de felicidade ou prazer. O que explica também as antipatias invencíveis é que sentimos, no fundo do coração, que essas pessoas tem uma consciência diversa da nossa, porque as conhecemos sem jamais as ter visto. É ainda o que explica a indiferença, pois não procuramos fazer novos amigos quando sabemos ter os que nos amam e nos querem. Numa palavra: o sono influi mais do que podemos imaginar, sobre a nossa vida.

Por efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar-se entre nós. Deus quis que durante o seu contato com o vício, pudessem eles retemperar-se na fonte do bem, para não falirem, eles que vinham instruir os outros. **O sono é a porta que Deus lhes abriu para o contato com os seus amigos do céu; é o recreio após o trabalho, enquanto esperam o grande livramento, a libertação final, que deve restituí-los ao seu verdadeiro meio.**

O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono; mas podemos observar que nem sempre sonhamos, porque nem sempre nos lembramos daquilo que vimos, ou de tudo o que vimos. Isso porque não temos a nossa alma em todo o seu desenvolvimento; freqüentemente não nos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a nossa partida e a nossa volta, a que se junta a lembrança do que fizemos ou do que nos preocupa no estado de vigília. Sem isto, como explicar os sonhos absurdos, a que estão sujeitos tanto os mais sábios quanto os mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

De resto, dentro em pouco veremos desenvolver-se uma outra espécie de sonhos; uma espécie tão antiga como a que conhecemos, mas que ignoramos. O sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos: esse sonho é a lembrança da alma inteiramente liberta do corpo, a recordação dessa segunda vida.

Procuremos distinguir bem essas duas espécies de sonhos, entre aqueles de que nos lembramos; sem isso, cairemos em contradições e em erros que seriam funestos para a nossa fé. (LE-402).

NOTA DE ALLAN KARDEC: Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida, que se estende aos lugares os mais distantes ou que jamais se viu, e algumas vezes mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que retraça na memória os acontecimentos verificados na existência presente ou nas existências anteriores. A extravagância das imagens referentes ao que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeadas de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos que parecem não ter nem senso, nem nexos.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas decorrentes da lembrança incompleta do que nos apareceu no sonho. Tal como um relato ao qual se tivessem trunco do frases ou partes de frases aos acaso: os fragmentos restantes, sendo reunidos, perderiam toda significação racional.

Não recordamos sempre dos sonhos, porque o que chamamos sono é somente o repouso do corpo, porque o Espírito está sempre em movimento. No sono, ele recobra um pouco de sua liberdade e se comunica com os que lhe são caros, seja neste ou em outros mundos. Mas, como o corpo é de matéria pesada e grosseira, dificilmente conserva as impressões recebidas pelo Espírito, mesmo porque o Espírito não as percebeu pelos órgãos do corpo. (LE -403).

Os sonhos não são verdadeiros, como entendem os leitores de sorte, pelo que é absurdo admitir que sonhar com uma coisa anuncia outra. Eles são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas que, freqüentemente, não tem relação com o que se passa na vida corpórea. Muitas vezes, ainda, como já dissemos, são uma recordação.

Podem ser, enfim, algumas vezes, um pressentimento do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que se passa no momento em outro lugar, a que a alma se transporta. Temos numerosos exemplos de pessoas que aparecem em sonhos para advertir parentes e amigos do que lhes está acontecendo. O que são aparições, senão a alma ou o Espírito dessas pessoas que se comunicam com o mundo corpóreo? Quando adquirirmos a certeza de que aquilo que vimos realmente aconteceu, não é isso uma prova de que a imaginação nada tem com o fato, sobretudo se o ocorrido absolutamente não estava no nosso pensamento durante a vigília? (LE-404).

Freqüentemente vemos em sonhos coisas que parecem pressentimentos e que não se cumprem para o corpo, mas podem cumprir-se para o Espírito. Quer dizer que Espírito vê aquilo deseja, **porque vai procurá-lo**. Não se deve esquecer que, durante o sono, a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria, e por conseguinte não se afasta jamais completamente das idéias. Disso resulta que as preocupações da vigília podem dar, aquilo que se vê, a aparência do que se deseja ou do que se teme. A isso é que realmente se pode chamar um efeito da imaginação. Quando se está fortemente preocupado com uma idéia, liga-se a ela tudo o que se vê. (LE-405).

Quando vemos em sonhos pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos em que absolutamente não pensam, isso não é efeito de pura imaginação, seus Espíritos podem vir visitar-nos, assim, como podemos visita-los, e nem sempre sabemos o que pensam. Além disso, freqüentemente aplicamos, a pessoas que conhecemos, e segundo os nossos desejos, aquilo que se passou ou se passa em outras existências. (LE-406).

Não é necessário o sono completo, para a emancipação do Espírito. O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita, para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais o Espírito estará livre. (LE-407).

NOTA DE ALLAN KARDEC: É assim que o cochilar, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens do sonho.

Às vezes, parece-nos, ouvir em nosso íntimo palavras pronunciadas distintamente, e até mesmo palavras inteiras, e que não têm nenhuma relação com o que nos preocupa, sobretudo quando os sentidos começam a se entorpecer. É, às vezes, o fraco eco de um Espírito que deseja comunicar-se conosco. (LE-408).

409. Muitas vezes, num estado que ainda não é o cochilo, quando temos os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais apanhamos os pormenores mais minuciosos. É que, entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar a sua cadeia: ele se transporta e vê, e se o sono fosse completo, isso seria um sonho. (LE-409).

As vezes, durante o sono ou o cochilo, idéias que parecem muito boas, e que, apesar dos esforços que se fazem para recordá-las, se apagam da memória. Isto é o resultado da liberdade do Espírito, que se emancipa e goza, nesse momento, de mais amplas faculdades. Freqüentemente, também, são conselhos dados por outros Espíritos. Essas idéias pertencem algumas vezes, mais ao mundo dos Espíritos que ao mundo corpóreo, mas o mais freqüente é que se o corpo as esquece, o Espírito as lembra, e a idéia volta no momento necessário, como uma inspiração do momento. (LE-410. e 410a.)

O Espírito encarnado, nos momentos em que se desprende da matéria e age como Espírito, muitas vezes presente a época de sua morte, às vezes tem dela uma consciência bastante

clara, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição. É por isso que algumas pessoas prevêem à vezes a própria morte com grande exatidão. (LE -411).

A atividade do Espírito, durante o repouso ou o sono do corpo, pode fatigar a este, porque o Espírito está ligado ao corpo, como o balão cativo ao poste. Da mesma maneira que as sacudidelas do balão abalam o poste. A atividade do Espírito reage sobre o corpo, e pode produzir-lhe fadiga. (LE-412).

PESQUISA

SONO [Do lat. *somnu.*] S. m. ***** 1 1. Fisiol. Estado de repouso normal e periódico, que no homem e nos animais superiores se caracteriza especialmente pela supressão da atividade perceptiva e motora voluntária, e que é variável em seu grau de profundidade, encontrando-se a vontade e a consciência em estado parcial ou total de suspensão temporária: "Ó sono! Unge-me as pálpebras... / Entorna o esquecimento / Na luz do pensamento, / Que abraça o crânio meu." (Castro Alves, Poesias Escolhidas, p. 89.) 2. Estado de quem dorme: Pelo sono o organismo repara as suas forças. 3. Um período de sono: Teve um sono agitado. 4. Desejo provocado pela necessidade de dormir: Sentiu sono e foi-se deitar. 5. Fig. Inércia, inatividade: o sono da natureza. 6. Fig. Moleza, indolência, preguiça. 7. Fig. O repouso eterno; a morte. Sono artificial. 1. Sono que é induzido por algum sonífero. Sono de chumbo. 1. V. sono de pedra. Sono de pedra. 1. Sono muito profundo, do qual não se desperta com facilidade; sono de chumbo, sono pesado. Sono dos justos. 1. Bem -aventurança. Sono hibernar. 1. Hibernação. Sono leve. 1. Sono do qual se desperta com facilidade: " - Mamãe... tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono." (Machado de Assis, Páginas Recolhidas, p. 83). Sono pesado. 1. V. sono de pedra. Dormir a sono solto. 1. Dormir profundamente: "Caía [Lima Barreto] nas sarjetas e assim se deixava ficar, dormindo a sono solto, como qualquer pobre-diabo das ruas." (Francisco de Assis Barbosa, A Vida de Lima Barreto, p. 216.) Ferrar no sono. 1. Adormecer profundamente; bater a cama nas costas; garrar no sono: "entrou de noite sem ser pressentido e esperou que ele ferrasse bem no sono." (Gondin da Fonseca, Histórias de João Mindinho, p. 13). Garrar no sono. Bras., N.E. Pop. 1. V. ferrar no sono. O sono eterno. 1. O último sono. O último sono. 1. A morte; o sono eterno: "ainda usamos de metáforas, dizemos que os defuntos dormem, chamamos à morte o último sono." (Raquel de Queirós, 100 Crônicas Escolhidas, p. 34). Passar pelo sono. 1. Dormir um pouco, ligeiramente: "Às onze horas passou pelo sono." (Machado de Assis, Várias Histórias, p. 155); "Mas não dormiu - passou apenas pelo sono" (Josué Montelo, Janelas Fechadas, p. 225). Pegar no sono. 1. Começar a dormir; adormecer: "E voltava-se de um para outro lado da cama, sem conseguir pegar no sono." (Aluísio Azevedo, Casa de Pensão, p. 164). ***** 1 son(o)[Do lat. sonus, i.] El. comp. 1. ='som', 'ruído': sonômetro, sonoplastia, sônico. [Equiv.: - sono: uníssono.] ***** 1 - sono 1. Equiv. de son(o)-.

(Aurélio)

Sonhos: efeito da emancipação da alma durante o sono. Quando os sentidos ficam entorpecidos os laços que unem o corpo e a alma se afrouxam. Esta, tornando-se mais livre, recupera em parte suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres do mundo incorpóreo. A recordação que ela conserva ao despertar, do que viu em outros lugares e em outros mundos, ou em suas existências passadas, constitui o sonho propriamente dito. Sendo esta recordação da vigília, resultam daí, na seqüência dos fatos, soluções de continuidade que lhes rompem a concatenação e produzem esses conjuntos estranhos que parecem sem sentido, pouco mais ou menos como seria a narração à qual se houvessem truncado, aqui e ali, fragmentos de linhas ou de frases.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Sono natural: suspensão momentânea da vida de relação. Entorpecimento dos sentidos durante o qual são interrompidas as relações da alma com o mundo exterior por meio dos órgãos.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Sonho [Do lat. *somni.*] S. m. 1. Seqüência de fenômenos psíquicos (imagens, representações, atos, idéias, etc.) que involuntariamente ocorrem durante o sono: um sonho agradável; um sonho aflitivo; "o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela." (Machado de Assis, Várias Histórias, p. 55). 2. O objeto do sonho (1); aquilo com que se sonha: O meu sonho desta noite foi uma viagem à Lua. 3. Seqüência de pensamentos, de idéias vagas, mais ou menos agradáveis, mais ou menos incoerentes, às quais o espírito se entrega em estado de vigília, geralmente para fugir à realidade; devaneio, fantasia: Esta criança vive num mundo de sonhos. 4. Desejo veemente; aspiração: O seu sonho era ser aviador. 5. Aquilo que enleva, transporta, pela extraordinária beleza natural ou estética: A interpretação do quarteto foi um sonho; Aquele trecho de natureza é um sonho. 6. Coisa ou pessoa muito bonita; visão: Gr eta Garbo foi um sonho que empolgou uma geração inteira. 7. Idéia dominante perseguida com interesse e paixão: sonho de paz; sonho de liberdade. 8. O que é produto da

imaginação; fantasia, ilusão; quimera: Seus planos não passam de sonhos. 9. Cul. Doce m uito fofo, preparado com farinha de trigo cozida, leite e ovos, frito em gordura quente, e passado em açúcar e canela, ou servido com calda rala, podendo também ser recheado. Sonho dourado. 1. Sonho (7) ou aspiração dominante. 2. Esperança de felicidade: "O mundo - um sonho dourado, / A vida - um hino d'amor!" (Casimiro de Abreu, Obras, p. 93). Um sonho. 1. V. um amor (1).

(Aurélio)

RESUMO:

Durante o sono, a alma não repousa, como o corpo, pois o Espírito jamais está inativo. Durante o sono afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando então, este da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com outros Espíritos. O Espírito, desprendido do corpo pelo sono, lembram-se do passado e algumas vezes prevê até o futuro. Quase sempre dizemos que tivemos um sonho extravagante, horrível, e nos enganamos. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que vimos ou que veremos em outra existência ou em outra ocasião. Dizemos que nem sempre sonhamos. É que nem sempre nos lembramos do que vimos enquanto dormíamos, por não termos a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades. Como é pesada e grosseira a matéria que compõe o nosso corpo, ele dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu durante o sono d o corpo, porque a este elas não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.

B. Godoy Paiva no livro "*Síntese de O Livro dos Espíritos*"

II - VISITAS ESPÍRITAS ENTRE VIVOS

Do princípio de emancipação da alma durante o sono parece resultar que temos, simultaneamente, duas existências: a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta. É que no estado de emancipação, a vida do corpo cede lugar à da alma, mas não existem, propriamente falando, duas existências; são antes duas fases da mesma existência, porque o homem não vive de maneira dupla. (LE -413).

Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono, e muitas outras, que pensam não se conhecerem, se encontram e conversam. Podem ter, sem que o suspeitem, amigos em outros países. O fato de visitarmos durante o sono, amigos e parentes, conhecidos, pessoas que nos podem ser úteis, é tão freqüente que o realizamos quase todas as noites. (LE-414).

A utilidade dessas visitas noturnas, mesmo que não as recordemos, e que ordinariamente ao despertar, resta uma intuição que é quase sempre a origem de certas idéias que surgem espontaneamente, sem que se possa explicá-las, e não são mais que as idéias hauridas naqueles colóquios. (LE-415).

O homem dorme, seu Espírito desperta e o que o homem havia resolvido quando desperto, mesmo que tenha pedido mentalmente, o Espírito está muitas vezes longe de seguir, porque a vida do homem interessa pouco ao Espírito, quando ele se liberta da matéria. Isto para os homens já bastante elevados, pois os outros passam de maneira inteiramente diversa a sua existência espiritual: entregam-se as suas paixões ou permanecem em inatividade. Pode acontecer, portanto, que segundo o motivo assim proposto o Espírito vá visitar as pessoas que deseja: mas o fato de haver desejado quando em vigília não é razão para que o faça. (LE -416).

Certo números de Espíritos encarnados podem se reunir e formar uma assembléia. Os laços de amizade, antigos ou recentes, reúnem-se freqüentemente, são diversos Espíritos, que se sentem felizes em se encontrar. (LE -417).

NOTA DE ALLAN KARDEC: Pela palavra “antigos” é necessário entender os laços de amizade contraídos em existências anteriores. Trazemos ao acordar uma intuição das idéias que haurimos nesses colóquios ocultos, mas ignoramos a fonte.

Uma pessoa que julga morto um de seus amigos, que na realidade não o estivesse, poderia certamente encontrar-se com ele em espírito, vê-lo, e saber assim que continua vivo. Se não lhe foi imposto como prova acreditar na morte do amigo, terá um pressentimento de que ele vive, como poderá ter o de sua morte. (LE -418).

RESUMO:

Muitas pessoas que julgam não se conhecerem costumam reunir -se e falar-se. Podemos ter, sem que o suspeitemos, amigos em outro país. De ordinário, guardamos apenas a intuição desses fatos, dos quais se originam certas idéias que nos vêm espontaneamente, sem que possamos explicar como nos acudiram. É que foram adquiridas nessas confabulações, enquanto a alma estava emancipada do corpo. Pode mesmo o homem, pela sua vontade, provocar as visitas espirituais fazendo firme propósito, nesse sentido, ao adormecer.

B. Godoy Paiva no livro “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”

III - TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO

A razão por que a idéia de uma descoberta, surge ao mesmo tempo em muitos lugares do mundo, é que, durante o sono, os Espíritos se comunicam entre si. Quando o corpo desperta, o Espírito se recorda do que aprendeu, e o homem julga ter inventado. Assim, muitos podem encontrar a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando dizemos que uma idéia está no ar, fazemos uma figura mais exata daquilo que pensamos; cada um contribui, sem o suspeitar, para propagá-la. (LE-419).

NOTA DE ALLAN KARDEC: Nosso Espírito revela assim, muitas vezes, a outros Espíritos, e à nossa revelia, aquilo que constitui o objeto das nossas preocupações.

Os Espíritos podem comunicar-se, mesmo que o corpo estiver completamente acordado, porque o Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa ou gaiola: ele irradia em todo o seu redor; eis porque poderá comunicar-se com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora o faça mais dificilmente. (LE -420).

Duas pessoas, perfeitamente despertadas, têm muitas vezes, instantaneamente, o mesmo pensamento, porque são dois Espíritos simpáticos que se comunicam e vêem reciprocamente os seus pensamentos, mesmo quando não dormem. (LE -421).

NOTA DE ALLAN KARDEC: Há entre os Espíritos afins uma comunicação de pensamento permitindo que duas pessoas se vejam e se compreendam sem a necessidade dos signos exteriores da linguagem. Poderia dizer -se que elas falam a linguagem dos Espíritos.

RESUMO:

Quando dizemos que uma idéia paira no ar, usamos de uma figura de linguagem mais exata do que supomos. É que todos, sem o suspeitarem, contribuem para propagá-la, visto que durante o sono os Espíritos — como dissemos — se comunicam entre si.

B. Godoy Paiva no livro “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”

IV - LETARGIA, CATALEPSIA, MORTE APARENTE

Os letárgicos e os catalépticos vêem e ouvem geralmente o que se passa em torno deles, mas não podem manifestá-lo, podemos dizer que eles vêem e ouvem como Espírito; o Espírito está consciente, mas não pode comunicar-se; o estado do corpo se opõe a isso. Esse estado particular dos órgãos nos dá a prova de que existe no homem alguma coisa além do corpo, pois este não está funcionando e o Espírito continua a agir. (LE -422).

Na letargia o corpo não está morto, pois há funções que continuam a realizar -se; a vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, mas não se extingue. O Espírito está ligado ao corpo enquanto ele vive; uma vez rompidos os laços pela morte real e pela desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito não volta mais. Quando um homem aparentemente morto volta à vida, é que a morte não estava consumada. (LE -423).

Através de cuidados dispensados a tempo, pode-se renovar os laços que estão se rompendo e devolver a vida a um ser através do magnetismo, que nesses casos, muitas vezes é um meio poderoso porque dá ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos. (LE -424).

NOTA DE ALLAN KARDEC: A letargia e a catalepsia tem o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Elas diferem entre si em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral, dando ao corpo todas as aparências da morte, e na catalepsia é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de maneira a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que não permite confundi-la com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é às vezes espontânea, mas pode ser provocada e desfeita artificialmente, pela ação magnética.

Catalepsia; ressurreições.

29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, do qual os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, não têm podido explicar todos os efeitos.

Essa interrupção pode ter lugar pela separação de um membro ou seccionamento de um nervo, mas também, parcialmente ou de modo geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação, ou de preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito já não cuida mais do corpo, e em sua atividade febril atrai, por assim dizer, a si, o fluído perispiritual, o qual, retirando-se de sua superfície, ali produz uma insensibilidade momentânea. Poderíamos ainda admitir que em certas circunstâncias, se produza no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular que lhe retire temporariamente a propriedade de transmissão. É assim que, no ardor do combate, um militar não percebe ter sido ferido; que uma pessoa cuja atenção esteja concentrada em seu trabalho não ouve o ruído que se faz em seu derredor. É um efeito análogo, porém mais pronunciado que se realiza com certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Por fim, é assim que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires ("Revue Spirite", janeiro de 1868; Estudos sobre os Aïssaouas).

A paralisia não tem totalmente a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que não são mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que estão alteradas.

30. Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo tem todas as aparências de morto, situação esta verdadeiramente bem descrita quando se diz que a vida está por um fio. Tal estado pode durar por mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Enquanto o derradeiro fio não for rompido, o Espírito pode ser trazido de volta ao corpo, seja por uma ação enérgica da sua própria vontade, seja pelo influxo fluídico estranho, igualmente poderoso. Assim se explicam certas prolongações da vida contra toda probabilidade, e certas pretensas ressurreições. É a planta que volta a viver, por vezes com uma só fibrila da raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico são destacadas do corpo carnal, ou quando este último está num grau de degradação irreparável, todo retorno a vida é impossível.

(*) Obs: Texto extraído do cap. XV, item 29, do livro “**A GÊNESE**” obra codificada por Allan Kardec.

(*) **NOTA DE J. HERCULANO PIRES:** Exemplos: “Revue Spirite”. O Dr. Cardon, agosto de 1863, pá g. 251. A mulher da Córsega, maio de 1866, pág. 134.

Alguns casos: A filha de Jairo

37. Tendo Jesus novamente passado de barco para a outra margem, logo que desembarcou, uma grande multidão se reuniu em redor dele. E um chefe da sinagoga, chamado Jair o, veio a seu encontro; e encontrando-o, atirou-se a seus pés, suplicando-lhe com grande sentimento dizendo-lhe:

— Tenho uma filha que esta agonizando; vinde impor -lhe as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.

Jesus foi com ele, e era seguido de grande multidão que o comprimia.

Enquanto Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas, as quais lhe disseram:

—Vossa filha está morta; por que quereis dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?

Porém Jesus, tendo ouvido tais palavras, disse ao chefe da sinagoga:

—Não temais, crede somente.

E a ninguém permitiu que o seguisse, exceto Pedro, Tiago e João irmão de Tiago.

Chegados à casa desse chefe da sinagoga, viram um grupo confuso de pessoas que choravam e lançavam grandes gritos. E entrando, disse-lhes:

—Por que fazeis tanto barulho, e por que chorais? Esta moça não está morta, ela apenas está adormecida. E troçaram dele.

Tendo feito sair a todos, tomou pai e mãe e aqueles que com ele tinham vindo, e entrou no loca l onde estava deitada a moça. Tomou-a pela mão e disse-lhe:

— “Talitha cumi “, isto é, minha filha, levanta -te, eu ordeno.

No mesmo instante, a moça se levantou e pôs -se a andar; pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados.

Marcos 5:21-43

O filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão de povo. Quando estavam perto da porta da cidade, sucedeu que traziam um morto a enterro; tratava-se do filho único de sua mãe, que era viúva, e havia grande número de pessoas da cidade com ela. O Senhor tendo - a visto, tocou-se de compaixão por ela, e lhe disse:

— Não chores mais.

Depois aproximando-se, tocou o esquife, e os que o conduziam pararam.

Então disse:

— Jovem, levanta-te, eu te ordeno.

Ao mesmo tempo o morto se ergueu, sentou -se, e começou a falar, e Jesus o entregou à sua mãe.

Todos que estavam presentes foram tomados de terror, e glorificavam a Deus dizendo:

—Um grande profeta surgiu entre nós, e Deus visitou o seu povo.

O rumor desse milagre espalhou-se por toda a Judéia e em todos os países em seu redor.

Lucas 7:11-17

39. O fato da volta à vida corporal, de um indivíduo realmente morto, seria contrário às leis da natureza, e por conseguinte, mais miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a esta ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

Se entre nós, as aparências enganam por vezes os profissionais, os acidentes dessa natureza deviam ser bem mais freqüentes num país onde não se tomasse nenhuma precaução, e onde o sepultamento fosse imediato. (*) Há pois, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima citados apenas houve síncope e letargia. Jesus mesmos o diz, positivamente, em relação a filha de Jairo: Esta moça não está morta, ela apenas está adormecida.

Dado o poder fluídico que possuía Jesus, nada há de espantoso que o fluido vivificante, dirigido por uma forte vontade, haja reanimado os sentidos entorpecidos; e mesmo, que ele tenha podido voltar ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, enquanto o liame perispital não estivesse definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que julgavam estar o indivíduo morto, desde que não respirasse mais, houve ressurreição, e isso terão podido afirmar, com toda boa fé; porém, houve na realidade cura, e não ressurreição, na acepção da palavra. .
Obs: Texto extraído do cap. XV, itens 37, 38 e 39 do livro “A GÊNESE” obra codificada por Allan Kardec.

(*) NOTA DE ALLAN KARDEC: Uma prova de tal costume encontra-se nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes:

“Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e entregou o espírito; e todos os que disso ouviram falar, foram tomados de grande medo. Logo, alguns jovens vieram buscar o seu corpo, e, tendo-o levado, o enterraram. Decorridas cerca de três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do ocorrido, entrou e Pedro disse, etc. etc. etc.

No mesmo momento ela caiu a seus pés e entregou o Espírito. Os jovens, entrando, encontraram-na morta; e levando-a, a enterraram ao pé de seu marido.

A ressurreição de Lázaro

Havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungiu o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus:

— Senhor, aquele que amas está doente.

A essa notícia, Jesus disse:

— Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus.

Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro.

Quando soube que este se achava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar em que se encontrava; só depois, disse aos discípulos:

— Vamos outra vez até a Judéia!

Seus discípulos disseram-lhe:

— Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te e vais outra vez para lá?

Respondeu Jesus:

— Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele.

Disse isso e depois acrescentou:

— Nosso irmão Lázaro dorme, mas vou despertá-lo. Os discípulos responderam:

— Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar!

Jesus, porém falara de sua morte e eles julgaram que falasse do repouso do sono. Então Jesus lhes falou claramente;

— Lázaro morreu. Por vossa causa, alegro-me de não ter estado lá, para que creiais, Mas vamos junto dele!

Tomé, chamado Dídimo, disse então aos outros discípulos:

— Vamos também nós, para morrermos com ele!

Ao chegar, Jesus encontrou Lázaro já sepultado havia quatro dias. Betânia ficava perto de Jerusalém, a uns quinze estádios. Muitos judeus tinham vindo até Marta e Maria, para as consolar da perda do irmão. Quando Marta soube que Jesus chegara, saiu ao seu encontro; Maria, porém, continuava sentada, em casa. Então, disse Marta a Jesus:

— Senhor se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá.

Disse-lhe Jesus:

— Teu irmão ressuscitará.

— Sei — disse Marta — que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia!

Disse-lhe Jesus:

— Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?

Disse ela:

— Sim, senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao Mundo.

Tendo dito isto, afastou-se e chamou sua irmã, dizendo baixinho:

— O Senhor está aqui e te chama!

Esta, ouvindo isso, ergueu-se logo e foi ao seu encontro. Jesus não entrara ainda no povoado, mas estava no lugar em que Marta o fora encontrar. Quando os Judeus, que estavam na casa com Maria, consolando-a, viram-na levantar-se rapidamente e sair, acompanharam-na, julgando que fosse ao sepulcro para aí chorar.

Chegando ao lugar onde Jesus estava, Maria, vendo-o, prostrou-se a seus pés e lhe disse:

— Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido.

Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, co moveu-se interiormente e ficou conturbado. E perguntou:

— Onde o colocastes?

Responderam-lhe:

— Senhor, vem e vê!

Jesus chorou.

Diziam então os Judeus:

— Vede como ele o amava!

Alguns deles disseram:

— Esse, que abriu os olhos do cego, não poderia ter feito com que ele não morresse?

Comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro.

Era uma gruta, com pedra sobreposta. Disse Jesus:

— Retirai a pedra!

Marta, a irmã do morto, disse-lhe:

— Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!

Disse-lhe Jesus:

— Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?

Retiram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse:

— Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouviste; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia para que creiam que me enviaste.

Tendo dito isso, gritou em alta voz:

— Lázaro, vem para fora!

O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse:

— Desatai-o e deixai-o ir embora.

João 11:1-44 - Texto extraído da “A Bíblia de Jerusalém” Edições Paulinas

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não invalida de modo nenhum esse princípio. Diz -se que ele já estava há quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias, e mesmo mais. Acrescenta-se que ele cheirava mal o que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada, visto que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e exalam odor de apodrecimento. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber se ele cheirava mal? É sua irmã Marta que o diz; mas como sabia? Lázaro se achava enterrado há quatro dias, ela supunha isso, mas não podia ter certeza. Obs: Texto extraído do cap. XV, item 40, do livro “A GÊNESE” obra codificada por Allan Kardec.

PESQUISA:

Letargia (do latim *lethargiam*). Perda momentânea da sensibilidade e do movimento, dando ao corpo a aparência da morte real.

CATALEPSIA (do grego *katalépsis* + *ia*). Perda momentânea, algumas vezes espontânea, da sensibilidade e do movimento em determinada parte do corpo.

João Teixeira de Paulo no dicionário enciclopédico ilustrado de *ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA E PARAPSICOLOGIA*

LETARGIA [Do gr. *lethargía*, pelo lat. *lethargia*.] S. f. [Sin. ger.: *letargo*.] 1. Estado patológico observado em diversas afecções do sistema nervoso central, como encefalites, tumores, etc., caracterizado por um sono profundo e duradouro do qual só com dificuldade, e tempo raramente, pode o paciente despertar. 2. Estado de insensibilidade característico do transe mediúnico. 3. Fig. Sono profundo. 4. Fig. Desinteresse, indiferença, apatia. 5. Fig. Estado de abatimento moral ou físico; depressão. 6. Falta de ação; inércia, torpor. 7. Vida latente.

(Aurélio)

CATALEPSIA [Do gr. *katálepsis* + -ia .] S. f. 1. Med. Estado em que se observa uma rigidez cérea dos músculos, de modo que o paciente permanece na posição em que é colocado. [Observar -se a catalepsia principalmente em casos de demência precoce e de sono hipnótico.] 2. Filos. Compreensão, certeza, afirmação.

(Aurélio)

RESUMO:

Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz. É pelo Espírito que agem, pois este tem consciência de si, apesar de estar o corpo naquele estado. Na letargia, o corpo não está morto. Sua vitalidade está em estado latente e, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo entretanto a ligação, por efeito da morte real, integral se torna a separação, e o Espírito não volta à vida, é que não era completa a morte.

B. Godoy Paiva no livro “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”